



## EDITORIAL

### **CIÊNCIA E IMAGINÁRIO: DIÁLOGOS CRUZADOS**

**Carlos F. Clamote Carreto**

Direcção dos *Cadernos do CEIL*

Desde a amiba até Einstein, o crescimento do conhecimento é sempre o mesmo: tentamos resolver os nossos problemas e obter, por um processo de eliminação, algo que se aproxime da adequação às nossas soluções experimentais.

Karl Popper, *Of Clouds and Clocks*, 1966.

Em 1979, o famoso Colóquio de Córdoba, subordinado ao tema «Ciência e Consciência», marcou uma viragem definitiva na separação cartesiana entre racionalismo científico e imaginário, abrindo novos caminhos e perspectivas para uma abordagem verdadeiramente inter ou pluridisciplinar das complexas relações entre matéria, consciência e criação humana, através das quais apreendemos aquilo a que se convencionou chamar de «real».

Apesar das polémicas suscitadas, revelou-se assim particularmente fecundo o diálogo entre filósofos e físicos (David Bohm, Fritjof Capra, Olivier Costa de Beauregard, Brian Josephson, etc.), entre psicólogos, neuropsicólogos e estudiosos das religiões, entre o inconsciente colectivo de Jung e as teorias de Einstein, o imaginal de Henri Corbin e as estruturas antropológicas de Gilbert Durand - pioneiro pela forma como intuiu, alheio à *doxa* ditada pelo pensamento académico vigente, os laços epistemológicos que unem ciência e espiritualidade, física quântica, irracionalidade e imaginário - a quem os *Cadernos do CEIL* consagram este número numa mais do que justa e merecida homenagem.

A inter-relações que acabamos de evocar permitiram não só mostrar que as teorias científicas também participam de uma visão do mundo cujo imaginário, culturalmente marcado, veicula mitos e procede, na sua tentativa de oferecer uma explicação homogénea e coerente das origens, como uma autêntica narrativa mítica, evidenciando igualmente quão múltiplas e diversas são as afinidades entre o símbolo, o regime das imagens e os fenómenos de não-separabilidade e de constante des-locação espaço-temporal das partículas postos em evidência pela física e pela mecânica quânticas. Ao perder a sua objectividade epistemológica (Galileu, Descartes, Newton, Lavoisier, etc.), o seu estatuto de objecto perfeitamente circunscrito e localizável, o real manifesta-se agora como uma entidade necessariamente «velada», segundo a expressão de Bernard d'Espagnat, plural e paradoxal, como um significante que se caracteriza, como nos sistemas simbólicos, simultaneamente por um inesgotável excesso de sentido e por uma ausência constantemente à espera de ser questionada e colmatada, o que nos obriga a repensar o conceito de imaginário na sua relação com a própria noção de identidade.

Por outro lado, a par dos aspectos culturais, educacionais e até ambientais, parece hoje cada vez mais evidente, na esteira das reflexões de K. Lorenz e K. Popper, entre muitos outros, a importância dos aspectos filogenéticos na construção do



imaginário, e, por conseguinte, a sua função na própria conservação da espécie. E se, como sugeria Popper no *Simpósio de Viena* (1983), «da amiba a Einstein vai apenas um passo», na medida em que qualquer organismo vivo, por mais elementar que seja, «coloca constantemente questões ao mundo, esforçando-se por encontrar as respostas adequadas» aos desafios que este lança à sua sobrevivência, tal não significará que toda a relação com o real e com o Outro implica sempre uma visão do mundo (necessariamente lacunar, fragmentária e contraditória) na qual o imaginário assume uma dimensão ao mesmo tempo biológica (orgânica) e cognitiva? De resto, não mostrou ainda recentemente António Damásio que contar histórias (ou seja, organizar narrativamente a nossa experiência através de mapas cerebrais) é uma das mais elementares e arcaicas «obsessões do cérebro»?

Neste sentido, longe de ser apenas uma dimensão marginal à ordem material e física do mundo (visível e invisível), o imaginário está intrinsecamente implicado nela, sobre-determinando a forma como sentimos, lemos, representamos (tanto através do discurso artístico como através dos discursos científico, histórico, religioso ou mítico) a realidade que nos envolve, bem como o modo como com ela interagimos e a transformamos.

Esta implicação entre ordem biológica e ordem narrativa está claramente patente no conceito de *exaptação* que Joël Thomas aplica à dinâmica imaginária dos textos antigos, concluindo que «l'histoire des cellules aux récits les plus sophistiqués de nos grands poètes, et à la grande tradition des épopées classiques, il y a la même logique qui est à l'œuvre». Como está igualmente presente nas noções, desenvolvidas por António Damásio, de interocepção e exterocepção, que Sérgio Prazeres retoma para questionar a íntima relação entre organização do espaço e felicidade, entre imaginário urbano e imaginário emocional.

Contudo, não estará também ela subjacente, como evidencia claramente a análise junguiana de Yvette Centeno dessa poderosa imagem do ovo primordial e cósmico, à transmutação da matéria almejada pela Alquimia? Ou ainda na retórica sermonística do Padre António Vieira, estudada por Célia Pinto, que procura cartografar, reconfigurando-as incessantemente, as relações entre este mundo e o Outro-Mundo? Mas também no modo como, entre desejo de conhecimento e subversão paródica, os *mapa mundi* adoptam, ao longo dos séculos, os contornos morfológicos do corpo humano (Isabel Barros Dias), operando assim uma exemplar simbiose entre ciência e imaginário através de uma singular genética do espaço.

A longa e vasta tradição enciclopédica medieval, explorada por Margarida Alpalhão, testemunha idêntico sincretismo, o imaginário utópico caracterizando-se, também ele, por uma geometrização do espaço e da própria linguagem através de uma hipervalorização das ciências - ou do discurso científico - que tende a excluir o poeta da cidade ideal, numa intrincada e complexa trajetória que culmina, de certa forma, com Descartes, o Iluminismo e o pensamento positivista.

Herdeira desta constante tensão, a Modernidade - tanto a da psicanálise freudiana e da fenomenologia bergsoniana questionada por Izilda Johanson através do conceito-chave de «élan vital», como a da poesia visionária de Rimbaud revisitada por Marco Settimini - surge como um convite e um desafio a reinventar as «correspondências» perdidas e a restaurar os laços simbólicos e epistemológicos que unem o Real à Linguagem e ao Imaginário numa simbiose que ficaria incompleta sem uma referência à música.



Música que Isidoro de Sevilha (*Etimologias*, III, 17) considera, na esteira de Cícero (*De oratore*, I, 187; III, 127), entre muitos outros, como uma «arte matemática», uma vez que trata dos números que se encontram nos sons e que nela ecoa constantemente a harmonia do universo emanando do movimento circular dos planetas. Música que ocupa assim, no âmbito de uma questionação sobre as relações entre ciência e imaginário, um natural lugar de destaque na rubrica «À margem» com os diálogos cruzados, propostos por Yvette Centeno, entre Novalis e Schubert, Wagner e o ciclo medieval dos Nibelungos, e o ensaio de Luís Carlos Pimenta Gonçalves que parte em busca de insólitas consonâncias entre a escrita de Milan Kundera e a *Reihenkomposition* (composição serial baseada em doze sons) de Arnold Schönberg.